

Uma análise das reflexões de pianistas brasileiras e estrangeiras sobre a utilização de pianos acústicos e pianos digitais em diferentes contextos musicais

Comunicação

Douglas de Oliveira Silva
Mestrando em Música pela Universidade de Brasília (UnB)
douglasdeoliveiraesilva@gmail.com

Renato de Vasconcellos
Professor do Departamento de Música da Universidade de Brasília (UnB)
renato.vasconcellos@gmail.com

Resumo: Para aprofundar a discussão acerca da utilização de pianos digitais e pianos acústicos os autores desse artigo entrevistaram pianistas de diferentes gêneros musicais com o objetivo de conhecer as opiniões e as experiências dessas musicistas sobre a utilização de pianos acústicos e pianos digitais. Em pesquisas anteriores (Costa, 2013; Hamond, 2019) discutiram a utilização desses instrumentos e ressaltaram a necessidade de novas pesquisas acerca dessa temática. Assim, nesse artigo foram registrados os relatos de 8 pianistas brasileiras e estrangeiras sobre os prós e contras dos pianos acústicos e pianos digitais. Na metodologia, foi utilizada a entrevista semiestruturada (Sakamoto e Silveira, 2014) e pela análise diagnóstica foram observados aspectos que envolvem diferentes perspectivas do estudo técnico e interpretativo de pianos acústicos e pianos digitais. Na conclusão, são discutidas as reflexões trazidas pelas pianistas entrevistadas quanto aos aspectos econômicos, de mobilidade, expressividade, estilo, *performance* e educação musical, de pianos acústicos e pianos digitais.

Palavras-chave: piano acústico. piano digital. ensino e *performance*.



1. Introdução

O piano é um instrumento que há mais de dois séculos possui múltiplas funções no universo musical. Devido à sua versatilidade e ao grande alcance de sua tessitura, pode ser utilizado como veículo para a interpretação de peças escritas especialmente para ele; adaptar peças escritas originalmente para cravo ou para órgão; funcionar como acompanhante de outros instrumentos, na música de câmara, orquestral ou coral; substituir instrumentos dentro de formações musicais variadas, além de ser indispensável no contexto educacional, como guia para exercícios de teoria, em especial, solfejo melódico e harmônico.

Nas escolas de música em geral, o piano é um instrumento de uso coletivo, sendo manuseado por diferentes professores e alunos para cumprir as diversas funções listadas, o que pode levar o instrumento a um desgaste considerável e à necessidade de dispendiosa manutenção periódica.

O surgimento do piano digital, cuja manutenção é mais barata, veio dividir a lista de funções antes executadas majoritariamente pelo piano acústico, mas por outro lado gerou muita dúvida e discussões sobre as limitações de seu timbre considerado por parte dos instrumentistas como “artificial” e sobre sua eficácia no campo da performance. Como instrumento auxiliar na prática pedagógica, o piano digital vem sendo amplamente reconhecido por sua praticidade e baixo custo e portabilidade.

A utilização de pianos digitais também é comentada por Costa (2013) quando afirma que tantos alunos como *performers* utilizam em alguns contextos o piano digital para estudo e para se apresentarem em público. Os pianos digitais, de acordo com Costa (2013), possuem características e funcionalidades que podem permitir práticas musicais com diferentes recursos, pois:

com o avanço da tecnologia, o piano digital, desenvolvido primariamente para servir como uma alternativa ao piano acústico apresenta vantagens que estimulam músicos, alunos, professores e artistas a utilizarem o instrumento. Algumas dessas vantagens como valor acessível, dimensão do instrumento, variação de timbres e volume sonoro, possibilidade do uso de fone de ouvido, teclas sensíveis, sem gasto com afinação e facilidade no transporte, fazem do piano digital um instrumento que vem, cada vez mais, sendo utilizado no processo de musicalização, prática do instrumento, performance e desenvolvimento de habilidades funcionais para profissionais de música. (COSTA, 2013, p. 31)



Diferentes autores discutem as possibilidades de ensino-aprendizagem com a utilização de pianos digitais em instituições de nível superior. Para Hamond (2019), o uso de pianos digitais no contexto de aulas de piano em grupo pode favorecer diferentes habilidades, mas a autora ressalta que “é evidente a necessidade de pesquisas que investiguem o uso sistemático de tecnologias digitais” (HAMOND, 2019, p. 117).

Os autores desse artigo (como chefe de departamento e como aluno do mestrado) vivenciaram o conturbado processo de substituição de 10 (dez) pianos acústicos por 10 (dez) pianos digitais, no Departamento de Música da Universidade de Brasília. O histórico desse processo pode ser consultado no Sistema Eletrônico de Informação (SEI)¹ e revela que os fatores econômicos foram os que mais pesaram na decisão pela troca dos instrumentos. Apesar de levar em conta as limitações interpretativas do piano digital, o argumento mais sólido e que convenceu o Colegiado do Departamento de Música a aprovar a mudança, mostrou que o custo de manutenção de 10 (dez) pianos acústicos ao longo de dois anos (R\$ 52.000,00) seria equivalente ao custo de aquisição de 10 (dez) pianos digitais (R\$ 52.000,00).

Para compreender as especificidades dessas discussões, as opiniões divergentes e os argumentos confrontados, os autores desse manuscrito decidiram entrevistar pianistas de diferentes idades, nacionalidades e estilos, que gentilmente concordaram em responder a uma série de perguntas sobre prós e contras do piano acústico e do piano digital. A análise dos dados resultantes da transcrição das entrevistadas revelou nuances na utilização dos dois tipos de piano (acústico e digital), tanto na esfera da *performance* artística como no âmbito da educação musical.

Dessa forma, partimos para essa pesquisa com alguns questionamentos. De que forma a utilização de pianos digitais na universidade pode impactar o processo de ensino-aprendizagem? Há uma diferença significativa na prática musical ao se substituir pianos acústicos por pianos digitais? Quais as limitações e as vantagens dos pianos digitais? Quais as nuances de interpretação artística características dos pianos acústicos e dos pianos digitais?

¹ Número dos processos no sistema SEI: 23106.053645/2016-38; 23106.079993/2018-05; 23106.049073/2018-54



2. Metodologia

Para Sakamoto e Silveira (2014), a metodologia da pesquisa define como o estudo será desenvolvido para alcançar possíveis respostas ao problema de pesquisa. Nesse estudo, será utilizada a pesquisa qualitativa. Para Sakamoto e Silveira (2014), a pesquisa qualitativa possui a característica de apresentar resultados não quantificáveis e as informações obtidas podem ser analisadas de maneira indutiva. Complementam, ainda, que no modelo de entrevista semiestruturada exige-se que se componha um roteiro de tópicos selecionados, mas as perguntas podem ser mais flexíveis e a sequência dos questionamentos fica por conta da dinâmica do que acontece entre entrevistador e entrevistado.

Para essas entrevistas foram elaboradas questões que pudessem revelar a percepção das entrevistadas acerca dos pianos digitais e acústicos. Para a realização das entrevistas, foi elaborado um roteiro de perguntas semiestruturadas (anexo 1). Cada entrevistada recebeu o termo de consentimento e as entrevistas ocorreram por meio de videoconferência pelo *Zoom*, que foram gravadas em vídeo na íntegra em formato MP4. As pianistas brasileiras entrevistadas foram Iara Gomes, Elenice Maranesi, Jaci Toffano, Silvia Goes, Gisele Pires, Raissa Miranda, e a pianista canadense Naomi Oliphant e a pianista do Azerbaijão Amina Figarova. As entrevistas ocorreram entre os meses de maio e junho de 2022. Na análise dos dados foi considerado os prós e contras acerca dos pianos acústicos e pianos digitais. Com a análise diagnóstica observou-se que as respostas das entrevistadas mostraram opiniões acerca de aspectos econômicos, de mobilidade, expressividade, estilo, *performance* e educação musical, desses instrumentos.

Os instrumentos considerados nesse estudo serão os pianos acústicos (Figura 1), que possuem a característica de produção sonora das teclas brancas e/ou pretas que acionam o martelo com a ponta de feltro que repercute nas cordas e produzem o som; os pianos eletroacústicos (Figura 2), que possuem a característica de produção sonora das teclas brancas e/ou pretas que acionam o martelo com a ponta emborrachada e repercute em pequenos diapasões e produzem o som, mas devido a sua baixa potência de volume sonoro dependem de fonte de energia e do uso de amplificador; e os pianos digitais (Figura 3), que possuem a característica de produção sonora das teclas brancas e/ou pretas que acionam uma placa sonora que simula sons de pianos acústicos e também de pianos eletroacústicos. Apesar de

os teclados² (Figura 3) serem parte importante da pesquisa histórica dos instrumentos de tecla, levaremos em conta nesse estudo apenas os pianos acústicos, os pianos eletroacústicos e os pianos digitais.

Figura 1: foto piano acústico



Fonte: acervo pessoal

Figura 2: piano Fender Rhodes



Fonte: acervo pessoal

Figura 3: na parte superior o piano digital e na parte inferior o teclado.



Fonte: acervo pessoal

² Os teclados possuem número de teclas que variam de 61 a 88 e são classificados nas categorias de: arranjadores, sintetizadores e *workstations*.



3. Relatos de experiência

Amina Figarova, 57 anos, natural de Baku, Azerbaijão. Iniciou seus estudos com oito anos na Bulbul School of Music, em sua cidade natal. cursou o Conservatório de Baku de 1983 a 1987 onde graduou-se em piano erudito. Fez aperfeiçoamento e Mestrado no Conservatório de Rotterdam, na Holanda, onde atuou por dez anos como musicista e educadora. Amina reside em Nova York desde 2010 onde desenvolve ativa carreira como pianista de jazz, compositora e educadora. Em suas *performances* e gravações utiliza exclusivamente o piano acústico. “Eu iniciei meus estudos muito jovem no piano acústico e desenvolvi minha técnica nesse instrumento durante quase 50 anos” (FIGAROVA, 2022). A musicista reforça que a sonoridade proveniente do toque no piano acústico é o que caracteriza cada pianista. “É por isso (referindo-se ao toque e à sonoridade) que após ouvir um ou dois compassos podemos dizer: é Hancock... é Keith Jarrett... é Horowitz!” (FIGAROVA, 2022). Amina Figarova aceita utilizar outros instrumentos além do piano acústico, mas adverte: “o caso dos sintetizadores é outra estória... as possibilidades de sons e de efeitos sonoros são infinitas e fantásticas” (FIGAROVA, 2022).

Elenice Maranesi, 78 anos, natural de São Bernardo do Campo, São Paulo. É formada em Arquitetura pela Universidade Mackenzie (SP), Bacharel em Piano pela Universidade de Brasília e Mestre em *Performance* pela Universidade Federal de Goiás. Além de sua formação acadêmica, atuou desde os 14 anos em orquestras de baile, tocando órgão, acordeom e os incipientes pianos elétricos disponíveis antes da popularização dos sintetizadores e dos pianos digitais. Essa formação múltipla a capacitou a tocar diversos estilos, do erudito ao popular, em especial a Bossa-nova e o Jazz. Em suas performances, Elenice não utiliza com frequência os pianos digitais. “Eu investi tudo o que podia e, nos anos 90, comprei um Yamaha CP70, que considero o tipo de piano eletroacústico mais semelhante ao piano acústico, em termos de resposta no toque” (MARANESI, 2020). Embora o CP70 tenha sido o seu escolhido, Elenice destaca a grande dificuldade de transporte do instrumento:

Eu encontrei um instrumento que me dá uma sensação semelhante à de tocar num piano acústico, mas os seus quase cento e vinte quilos tornaram proibitivas as saídas de casa. Acaba sendo inviável utilizar o CP70 no dia a dia do pianista. (MARANESI, 2020)



Gisele Pires Mota, 46 anos, iniciou seus estudos de piano na Escola de Música de Brasília, seguindo para o curso de Licenciatura em Música na Universidade de Brasília. Mestre pela Universidade Federal de Goiás e Doutora pela Florida State University, Gisele tem intensa atividade na área de piano solo, música de câmara, acompanhamento e correpetição. Antes de iniciar carreira como pianista concertista e acompanhante, atuou em igrejas onde desenvolveu a capacidade de tocar de ouvido e ler cifras. Segundo Gisele, “foi uma grande oportunidade de desenvolver minha musicalidade e ter contato com pianos de todos os tipos: digitais, eletroacústicos e acústicos” (MOTA, 2022). Atualmente, é professora adjunta do Departamento de Música da Universidade de Brasília, onde desenvolve o tripé de Ensino, Pesquisa e Extensão. Gisele afirma que em sua recente pesquisa de pós-doutorado sobre as técnicas estendidas, concentrou-se no piano acústico, na utilização dos pedais e na preparação do piano (manobra que consiste na colocação de objetos sobre as cordas e a marteleira). Todo esse estudo se aplica exclusivamente ao piano acústico, razão pela qual tem utilizado apenas esse instrumento em suas *performances*:

Na área do ensino de piano em grupo, vejo uma grande vantagem na utilização dos pianos digitais, que embora sejam menos expressivos e limitados em termos de nuances sonoras, possibilitam a condução de aulas para até dez alunos, com a utilização de fones de ouvido e outros recursos tecnológicos. (MOTA, 2022)

Iara Gomes, 36 anos, natural de Brasília-DF, é pianista, compositora, arranjadora e educadora. Iniciou seus estudos na Escola de Música de Brasília e prosseguiu no curso de Licenciatura em Música pela Universidade de Brasília. Tem mestrado em Música – Jazz Composition & Arrangement e Jazz Piano Performance pela University of Louisville (EUA, 2016), onde se graduou com honras. Atualmente, é professora da Escola de Música de Brasília. É conhecida pelo seu trabalho autoral e por sua atuação na música instrumental brasileira e no jazz. Foi vencedora do prêmio “Melhor Intérprete Instrumental” no Festival de Música da Rádio Nacional FM. Lançou seu primeiro disco autoral “Dois Cantos” em 2018, e o single “Muro Alto” em 2021. Iara divide seu tempo de estudo e suas *performances* no piano acústico e no piano digital e cita que “tecnicamente há nuances do piano acústico que não são possíveis de se reproduzir em um piano digital, como, por exemplo, os harmônicos e o uso do pedal”



(GOMES, 2022). Lara destaca que há timbres do seu sintetizador Nord Electro 3 (entre eles o Fender Rhodes) que completam a paleta sonora do seu trabalho.

Jaci Toffano, 64 anos, é natural de Jaú, São Paulo. Iniciou seus estudos de piano no Conservatório Musical de Campinas e depois graduou-se na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Nos Estados Unidos, cursou a Graduação e o Mestrado em piano, na Juilliard School of Music (EUA). É Doutora pela Universidade de Brasília em Sociologia da Música e Pós-Doutora pela Sorbonne (Paris). Atuou como docente e ocupou cargos administrativos na Universidade de Brasília, onde se aposentou. Atualmente faz concertos e palestras no Brasil e no exterior. Mantém uma classe de alunos e alunas, no modo *online* e presencial. Jaci Toffano quer ampliar o alcance da música erudita e para isso tem promovido diversos concertos em locais abertos. “Para viabilizar esse projeto utilizo tanto o piano acústico como o piano digital em minhas *performances*. Consegui adaptar para o piano digital muitas peças tradicionalmente tocadas no piano acústico” (TOFFANO, 2022). Ainda sobre o assunto, Jaci descreve o prédio da Juilliard School: “Havia dois andares exclusivos para salas de estudo com piano, quase todos de cauda, e em algumas salas havia dois pianos” (TOFFANO, 2022). Sobre a utilização do piano digital, Jaci afirma que:

Nos Estados Unidos e em outros países do primeiro mundo, não se questiona o investimento na manutenção dos pianos acústicos e, por isso, a oferta de bons instrumentos acústicos é muito grande. Não há necessidade de se pensar em economia e adquirir pianos digitais. (TOFFANO, 2022)

Naomi Oliphant, 69 anos, natural de Toronto, Canadá. Sua formação inclui o Bacharelado e o Mestrado em Piano na Universidade de Toronto e o Doutorado na Universidade de Michigan (USA). Durante trinta e nove anos foi coordenadora da área de piano na Universidade de Louisville/Kentucky, atuando como professora de piano, música de câmara e pedagogia do piano. Naomi também serviu como Vice-Chefe de Departamento durante onze anos, até que se aposentasse em 2022. Em suas *performances*, Naomi Oliphant utiliza exclusivamente o piano acústico, tendo sido selecionada em 2017 e em 2019 como “Steinway and Sons Top Music Teacher”. Naomi destaca que “nos anos 1990, implementamos o Laboratório de Pianos Digitais na Universidade de Louisville, como reforço para o ensino do piano suplementar, obrigatório para todos os nossos alunos” (OLIPHANT, 2022). A professora ressalta que “o laboratório de pianos digitais possibilitou a criação de uma excelente orquestra



de teclados, que se apresentou em diversas ocasiões, divulgando o nome da Universidade de Louisville” (OLIPHANT, 2022). A pianista reforça ainda que para seus alunos avançados de piano, nunca recomendou o estudo em pianos digitais:

Eu percebia quando eles chegavam na aula e haviam passado uma semana estudando no piano digital, em seu quarto nos dormitórios. A sonoridade e o toque não eram adequados para o repertório tradicional pianístico. Dispomos de dezenas de bons pianos em nossas salas de estudo e portanto, não há necessidade de se praticar em um piano digital. (OLIPHANT, 2022)

Raíssa Miranda, 24 anos, é pianista, nascida em Uberlândia, Minas Gerais. Iniciou seus estudos na Escola de Música de Brasília e em seguida graduou-se no curso de bacharelado em piano pela Universidade de Brasília. Ela costuma estudar em um piano digital, um híbrido da Yamaha, o AvantGrand N1, porém, em suas *performances*, ela prefere tocar em pianos acústicos porque acredita “que eles possuem o potencial sonoro e timbrístico ideal para o repertório da música de concerto”. Ela enfatiza “que algumas das vantagens dos pianos digitais são o controle de volume e que esse tipo de instrumento não desafina” (MIRANDA, 2022).

Silvia Goes, 75 anos, nasceu em São Paulo, é pianista, compositora, arranjadora, professora e terapeuta. Tornou-se profissional aos 11 anos, inicialmente tocando violão, instrumento que utilizou como artista no período da bossa-nova. Trabalhou em estúdios de gravação fazendo publicidade, compondo, arranjando e a partir daí iniciou o caminho de pianista. Nesses mais de 60 anos de atividade musical, gravou 9 CDs, lançou 8 livros – entre eles “O Cérebro Musical” e “A Música no Divã”. Além de *shows*, ministra cursos e palestras motivacionais sobre o “Desenvolvimento Humano Através Da Harmonia Musical”. Silvia enfatiza que embora o piano digital tenha muitas vantagens de timbres sua preferência é pela utilização do piano acústico. Em sua opinião cada instrumentista poderá ter um rendimento diferente se está acostumado com um instrumento ou outro. No piano acústico ela só vê vantagens porque existe uma troca sonora entre o instrumento e a sua interpretação musical. Silvia afirma que um dos pontos positivos do piano digital é a sua portabilidade já que permite tocar em locais onde não haja um piano acústico. Silvia comenta ainda que “viajando pela Europa fiz muito *show* com o Toquinho. Não levava nada, a gente esperava um piano acústico



e se não tinha, a gente não ia deixar de fazer o *show* só porque tinha um piano digital” (GOES, 2022).

4. Resultados parciais

Iniciamos esse trabalho de pesquisa com muitos questionamentos e após meses de leituras, discussões e entrevistas, parte deles foi respondida. No entanto, outras portas e janelas foram abertas como resultado de nossa escuta às falas de nossas entrevistadas. Cada uma delas representa um espaço específico da prática pianística e revela um olhar particular sobre as funções desempenhadas pelo piano, acústico ou digital, no universo musical. Independente do estilo que praticam, de sua nacionalidade, sua idade ou de sua formação acadêmica, essas oito mulheres nos emprestaram seus olhos e seus ouvidos e nos fizeram atentar para as múltiplas cores refletidas a partir de suas perspectivas, como se cada uma delas se tornasse um prisma. Suas opiniões e preferências abriram um leque de possibilidades muito maior do que imaginávamos e transcenderam o simples “gosto ou não gosto desse ou daquele”. Opiniões contextualizadas por cada uma delas, nos levaram a reflexões arejadas e sem preconceitos.

A análise dos dados coletados em nossa pesquisa e em nossas entrevistas revelou diversas perspectivas, quando comparamos o piano acústico e o piano digital. Elas foram agrupadas da seguinte forma: a) quanto ao custo de aquisição e manutenção; b) quanto à mobilidade; c) quanto às possibilidades expressivas; d) quanto ao estilo da intérprete (erudito ou popular); e) quanto ao contexto: na *performance* ou na educação musical.

a) Quanto ao custo de aquisição e manutenção

O relato sobre a substituição dos 10 (dez) pianos acústicos do Departamento de Música da Universidade de Brasília nos mostra que, nesse quesito, o piano digital foi considerado mais vantajoso, já que o custo de manutenção de 10 pianos acústicos durante 2 (dois) anos é igual ao custo de aquisição de 10 (dez) pianos digitais, que não geram despesa de manutenção, pelo menos nos 5 primeiros anos de uso.

Todas as entrevistadas mencionaram a questão da manutenção do piano acústico como uma “desvantagem”, mesmo que tenham optado por ele como “o preferido” para suas



performances. Em alguns casos, as entrevistadas mencionaram seu desapontamento por chegar ao local do concerto/*show* e encontrar um piano acústico desafinado e sem condições para o desempenho de sua *performance*.

O custo de aquisição de um bom piano acústico foi mencionado diversas vezes pelas entrevistadas como desvantajoso, na comparação com o piano digital. Vale ressaltar que as entrevistadas brasileiras relataram essa desvantagem com maior frequência, considerando que as pianistas residentes nos Estados Unidos não estão sujeitas à alta tributação decorrente da importação de um instrumento de grande dimensão e peso, como o piano acústico.

Nesse quesito é importante mencionar também que, na realidade econômica norte-americana, as limitações e dificuldades com gastos de aquisição e manutenção dos pianos acústicos não são impedimentos para a disponibilização de uma grande quantidade desses instrumentos. As entrevistadas Jaci Toffano, Iara Gomes e Gisele Pires, formadas em universidades norte-americanas, confirmam que em suas escolas havia uma grande quantidade de pianos acústicos à disposição dos estudantes.

b) Quanto à mobilidade

No quesito mobilidade, o piano acústico foi considerado desvantajoso, quando comparado ao piano digital. Essa questão motivou inclusive a criação de pianos eletroacústicos, como o Fender Rhodes e o Yamaha CP 70 e 80, nas décadas de 1960 e 1980 respectivamente.

Os pianos digitais cresceram na preferência dos pianistas por possibilitar a realização de concertos e *shows* em locais onde não há um piano acústico. Embora haja inúmeras equipes especializadas no transporte seguro e rápido do piano acústico, essa operação poderá elevar o custo do evento e muitas vezes inviabilizar a sua realização.

Há que se considerar também os relatos das entrevistadas sobre famílias e empresas que preferiram adquirir um piano digital em vez do acústico, tendo em vista a flexibilidade de acomodação do instrumento em quartos e salas de tamanho reduzido.

Para as pianistas profissionais, o piano digital potencializou a capacidade de atender a convites para concertos e *shows*. Alguns instrumentos são equipados com alto-falantes embutidos de excelente qualidade, capazes de serem bem ouvidos por um grupo de até 100



peessoas. Lembrando que alguns pianos digitais modernos possuem em torno de dez quilos, o que facilita a portabilidade e o manuseio por pessoas de pequena estatura e peso.

O depoimento da pianista Jaci Toffano nos mostra que a portabilidade dos pianos digitais veio preencher os seus anseios de divulgar a música erudita em locais nunca antes imaginados. Ela relata com alegria o encantamento de pessoas que nunca haviam escutado uma Sonata de Mozart, ao presenciar um concerto relâmpago realizado numa calçada de rua.

A pianista Naomi Oliphant, árdua defensora do piano acústico, menciona em sua entrevista a oportunidade única de montar, na década de 1990, uma orquestra de teclados na Universidade de Louisville – KY. O projeto pioneiro, nessa época, foi viabilizado com a compra de pianos digitais, equipados com outros timbres além do piano, que propiciaram a execução de peças do repertório orquestral, sem a presença de um instrumento acústico sequer.

c) Quanto às possibilidades expressivas

Todas as entrevistadas foram unânimes ao falar sobre as capacidades expressivas do piano acústico e sua grande vantagem nesse quesito. Mesmo com sua limitada condição de mudar de timbre ou de variar a intensidade de uma nota depois de atacada, o piano acústico é capaz de nuances expressivas impossíveis de serem realizadas pelo piano digital.

A pianista Gisele Pires chama a atenção para a dificuldade de se executar no piano digital o repertório de música contemporânea, que utiliza “técnicas estendidas”. Esses rudimentos incluem as sutilezas na utilização dos três pedais e a já mencionada “preparação do piano”. Ainda segundo Gisele Pires, os diferentes tipos de toques pianísticos (*legato*, *staccato*, *portato* e peso de braço), estudados e executados no piano acústico em diversos estilos musicais, podem não funcionar no piano digital, que responderá de forma inesperada, alterando descontroladamente o timbre do instrumento.

A pianista Amina Figarova afirma que a resposta sonora do piano acústico às sutilezas do toque serão a marca registrada dos grandes intérpretes.



d) Quanto ao estilo da intérprete (erudito ou popular)

Nesse quesito, nossa pesquisa revelou que a preferência pelo piano acústico ou pelo piano digital não está relacionada ao estilo de música, erudita ou popular, executada pela intérprete. Embora nosso grupo de pianistas entrevistadas seja de apenas oito mulheres, não encontramos um padrão que aponte para a preferência desse ou aquele instrumento, por pianistas eruditas ou populares.

A pianista erudita Naomi Oliphant declarou sua preferência pelo piano acústico imediatamente após ser convidada para responder nosso questionário. Já a pianista Jaci Toffano, graduada pela prestigiosa Juilliard School e com uma formação igualmente exemplar no campo da música erudita, assumiu sua preferência atual pelo piano digital, por permitir suas incursões pelas *performances* ao vivo, em espaços abertos.

Amina Figarova, pianista e compositora reconhecida na cena do Jazz em Nova York, declarou não conseguir imaginar uma de suas composições executadas num piano digital. Embora francamente debruçada sobre a linguagem e o estilo jazzístico, a pianista do Azerbaijão, não abre concessões em termos de instrumento e toca apenas em pianos acústicos em suas *performances*. Ainda no campo do Jazz e da música improvisada, Lara Gomes, compositora e pianista, revela que entre um piano acústico desafinado/desregulado e o seu teclado Nord, que reproduz de forma razoável o timbre de um piano acústico, ela prefere o piano digital, que além disso possibilitará variações de timbres essenciais como o Fender Rhodes e os órgãos Hammond.

e) Quanto ao contexto: na *performance* ou na educação musical

Nossas entrevistadas são na maioria “performers” mas também atuam na área educacional. A preferência pelo piano acústico ou digital encontrará maior flexibilidade nesse quesito, considerando o contexto em que se utiliza o instrumento.

Conforme já mencionado por Naomi Oliphant e Gisele Pires, a possibilidade de montagem de “orquestras de teclados” e de “laboratórios de ensino de piano em grupo” só se concretizou com o advento dos pianos digitais. A possibilidade de exploração de diferentes timbres torna o piano digital mais versátil num conjunto orquestral ou de câmara. Além disso, temos que considerar que, numa classe de piano em grupo, o uso de pianos digitais permite



que os(as) estudantes façam uso do fone de ouvido e possam tocar durante todo o tempo da aula sem incomodar os(as) demais colegas. O uso do piano digital em classes de teoria musical vem mostrando ser satisfatório porque possibilita que o professor ou a professora executem trechos musicais como exemplo e como suporte para o solfejo e para corais.

Em pesquisas futuras pode haver o aprofundamento dos temas presentes nas discussões desse manuscrito, de forma que seja possível ampliar a investigação no número de entrevistadas, possibilidades expressivas, técnica do pedal e outros elementos que possam surgir da utilização de pianos acústicos e digitais. Por agora, agradecemos às nossas entrevistadas por compartilhar suas opiniões e abrir nossos olhos para novos contextos. Ainda há muito a descobrir sobre as vantagens e desvantagens dos pianos acústicos e digitais.



Referências

COSTA, Viviane de Mendonça Fiaia. *Potencialidade interpretativa do piano digital CVP 401: Um estudo de caso* / Viviane de Mendonça Fiaia Costa. - 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás (UFG). 2013

HAMOND, Luciana Fernandes. Novas Perspectivas no Ensino e Aprendizagem de Piano em Grupo de Nível Superior. *Anais IX Encontro de Pesquisa e Extensão do MUSE*. Tema Educação Musical: desafios contemporâneos. Florianópolis, CEART/UDESC, 2019.

FIGAROVA, Amina. Depoimento [jun. 2022]. Entrevistadores: Douglas de Oliveira e Renato Vasconcellos. Universidade de Brasília, 2022. Entrevista semiestruturada com 5 questões por videoconferência. 1 arquivo. MP4. Entrevista concedida para a pesquisa acerca da utilização de pianos acústicos e pianos digitais.

GOES, Silvia. Depoimento [jun. 2022]. Entrevistadores: Douglas de Oliveira e Renato Vasconcellos. Universidade de Brasília, 2022. Entrevista semiestruturada com 7 questões por videoconferência. 1 arquivo. MP4. Entrevista concedida para a pesquisa acerca da utilização de pianos acústicos e pianos digitais.

GOMES, Iara. Depoimento [mai. 2022]. Entrevistadores: Douglas de Oliveira e Renato Vasconcellos. Universidade de Brasília, 2022. Entrevista semiestruturada com 6 questões por videoconferência. 1 arquivo. MP4. Entrevista concedida para a pesquisa acerca da utilização de pianos acústicos e pianos digitais.

MARANESI, Elenice. Depoimento [jun. 2022]. Entrevistadores: Douglas de Oliveira e Renato Vasconcellos. Universidade de Brasília, 2022. Entrevista semiestruturada com 5 questões por videoconferência. 1 arquivo. MP4. Entrevista concedida para a pesquisa acerca da utilização de pianos acústicos e pianos digitais.

MIRANDA, Raíssa. Depoimento [jun. 2022]. Entrevistadores: Douglas de Oliveira e Renato Vasconcellos. Universidade de Brasília, 2022. Entrevista semiestruturada com 5 questões por videoconferência. 1 arquivo. MP4. Entrevista concedida para a pesquisa acerca da utilização de pianos acústicos e pianos digitais.

MOTA, Gisele Pires. Depoimento [jun. 2022]. Entrevistadores: Douglas de Oliveira e Renato Vasconcellos. Universidade de Brasília, 2022. Entrevista semiestruturada com 8 questões por videoconferência. 1 arquivo. MP4. Entrevista concedida para a pesquisa acerca da utilização de pianos acústicos e pianos digitais.

OLIPHANT, Naomi. Depoimento [jun. 2022]. Entrevistadores: Douglas de Oliveira e Renato Vasconcellos. Universidade de Brasília, 2022. Entrevista semiestruturada com 5 questões por videoconferência. 1 arquivo. MP4. Entrevista concedida para a pesquisa acerca da utilização de pianos acústicos e pianos digitais.



TOFFANO, Jaci. Depoimento [jun. 2022]. Entrevistadores: Douglas de Oliveira e Renato Vasconcellos. Universidade de Brasília, 2022. Entrevista semiestruturada com 7 questões por videoconferência. 1 arquivo. MP4. Entrevista concedida para a pesquisa acerca da utilização de pianos acústicos e pianos digitais.

SAKAMOTO, Cleusa Kazue; SILVEIRA, Isabel Orestes. *Como Fazer projetos de Iniciação Científica*. São Paulo: Paulus, 2014.

Anexo 1

Roteiro de Entrevista

- 1) Quando foi o seu primeiro contato com um piano? Ele era um piano acústico ou um piano digital?
- 2) Você costuma estudar em um piano acústico ou em um piano digital? E nas suas Performances, você costuma tocar em um piano acústico ou em um piano digital? Você possui uma preferência nesses tipos de instrumento? Por quê?
- 3) Quais as vantagens e desvantagens do piano acústico?
- 4) Quais as vantagens e desvantagens do piano digital?
- 5) Quando você compara a utilização desses instrumentos, há um instrumento que você tenha preferência? Por quê?